

TRAVESTISMOS DA VOZ NAS LITERATURAS CONTEMPORÂNEAS

Colóquio internacional
2, 3 e 4 de julho de 2020
MSH Clermont-Ferrand
(4 rue Ledru – 63000 Clermont-Ferrand)

Organização:

Assia Mohssine (Université Clermont Auvergne, CELIS)
Daniel Rodrigues (Université Clermont Auvergne, CELIS)

Ponente Plenário

CARMEN BOULLOSA

Poeta, escritora e dramaturga mexicana
Macaulay Honors College
City University of New York (CUNY)

Chamada

Parceria entre o programa de pesquisas “*Genres littéraires et gender*” (coord. Assia Mohssine e Daniel Rodrigues) da equipe *Écriture et interactions sociales* do *Centre de Recherche sur les Littératures et la Sociopoétique* (CELIS) e o programa de pesquisas “*Intersexualidades*” da Universidade do Porto (Portugal), o colóquio “Travestismos da voz nas literaturas contemporâneas” propõe analisar os travestismos da voz e as modalidades diegéticas e estéticas ligadas a esses.

O travestismo enquanto motivo literário não é recente. Utilizado desde as *Metamorfoses* de Ovídio até as literaturas mais atuais, o fenômeno relaciona-se inicialmente ao desejo de trajar as roupas relacionadas ao sexo oposto e é também reconhecido como “categoria epistêmica oposta ao binarismo heterossexual” e uma “postura artística e política radical” que visa “decentralizar as noções de identidade, não apenas sexual, mas também nacionais, éticas e

culturais”¹. Mesmo se a função autor, como sugere Foucault², implica necessariamente o apagamento das marcas discursivas próprias ao autor para dar lugar àquelas de um alter ego e de uma outra consciência, o travestismo autoral inscreve uma forma de disjunção entre a identidade de gênero do autor e a do narrador. As formas mais comuns são o uso de pseudônimos e/ou o emprego de marcas linguísticas de um gênero sexual diferente do autor(a). Neste caso, o travestismo repensa, como sugerem respectivamente Madelaine Kahn e Ana Clavel³, a relação problemática com a autoridade e a censura, quiçá com a tradição literária (desvio de gêneros literários conotados como masculinos ou femininos na busca de reconhecimento cultural)⁴. Para além das práticas culturais amplamente difundidas no século XIX, que mostram o quanto o mundo das letras pode ser fechado, é interessante estudar os aspectos textuais e discursivos do travestismo nas literaturas contemporâneas (desdobramento narrativo, figura do travesti, identidades plurais e descentralizadas, carnavalização, ambiguidade, dissimulação, paródia, figuras de ocultamento, experimentações linguísticas e literárias, etc.), tantos artifícios – pouco estudados – que participam na trama simbólica e paródica dos textos, particularmente dos textos construídos segundo a ótica pós-moderna. Segundo a escritora mexicana Ana Clavel, o travestismo textual ultrapassa o simples disfarce da voz, na medida em que prefigura “a encenação simbólica, social e cultural [...] que afeta intrinsecamente os recursos formais e a concepção de um mundo refletido no texto e na voz narrativa, pois, como sublinha o ensaísta [Ben Sifuentes], o travestismo ‘não é apenas uma questão de transformação num outro, como também a (des)figuração do eu’”⁵.

Obstáculo à exposição do sexo feminino para uns (como a abordagem de algumas feministas, como Hélène Cixous que convida a uma escrita para “mostrar seu sexo”⁶), ato performativo para outros, o travestismo desvendaria, segundo a filósofa e teórica do *gender* Judith Butler⁷, a fragilidade das identidades fixas e o movimento incessante das representações do *self*. Travestir-se corresponderia assim à aceitação de um mundo em metamorfose cujas fronteiras são cruzadas segundo o desejo do sujeito. É esta inflexão que nos conduz a interrogar a potencialidade transformadora do travestismo da identidade sexual e sua capacidade de subverter e a desorganizar os valores e as representações do que foi reconhecido culturalmente como masculino ou feminino, não somente enquanto poderoso artifício de carnavalização e de desordem, mas também como via de acesso – transgressiva – à subjetividade do outro para demonstrar a arbitrariedade das regras que os definem. O travestismo é assim uma artimanha que escapa a vigia imposta ao corpo reduzido a objeto de dominação do outro e denuncia, por conseguinte, os sistemas de repressão do discurso hegemônico e patriarcal. Contudo, se o

¹ Krzysztof Kulawik, “Travestir para reclamar espacios: la simulación sex/text-ual de Pedro Lemebel y Francisco Casas en la urbe Chilena”, *ALPHA*, No 26 / Julio 2008 (101-117), p. 104.

² Michel Foucault, “¿Qué es un autor?”, em *Entre filosofía y literatura*, Buenos Aires: Paidós, 1999.

³ Madelaine Khan, *Narrative Transvestism: Rhetoric and Gender in the Nineteenth-Century English Novel*, Ithaca : Cornell University Press, 1991. Ana Clavel, *Yo es otr@*. Cuentos narrados desde otro sexo. México: Cal y arena, 2010.

⁴ Evando Nascimento, ecoando Michel Foucault, sugere o termo « travestismo literário » para referir-se à “capacidade infinita que o dispositivo autoral tem de se travestir num outro e numa outra” enquanto Madelaine Khan utiliza o termo “travestismo narrativo”, estratégia que expõe, segundo ela, o desequilíbrio e a hierarquia que regem a inscrição da autoridade no texto. Cf. Evando Nascimento. “O retrato do autor como leitor”. URL: http://www.evandonascimento.net.br/ensaios/retrato_do_autor_como_leitor.pdf;

⁵ Ana Clavel, *Yo es otr@*. Cuentos narrados desde otro sexo, op.cit, prólogo.

⁶ Hélène Cixous, *Le rire de la Méduse*, Paris : Galilée, 2010.

⁷ Judith Butler, *Défaire le genre*, Paris : Editions Amsterdam, 2016.

travestismo esconde e expõe – ou realça – os signos do gêneros, ele parece evitar completamente o poder regulador, pois encontra-se sempre nos interstícios, entre dois códigos, sem nunca escolher o seu lugar.

O colóquio propõe interrogar o travestismo nos seus diferentes sentidos (linguísticos/ textuais e de gênero). A análise literária das obras poderá debruçar-se tanto sobre o travestismo da voz como sobre as representações dos corpos híbridos, travestis e em metamorfose, que escapam aos sistemas indentitários binários. Poderá igualmente pôr em perspectiva os laços entre travestismo da voz e recriação literária do espaço.

Comité científico internacional:

Ana Luísa AMARAL (Universidade do Porto – Portugal)

Anna M. KLOBUCKA (University of Massachusetts Dartmouth- États Unis)

Assia MOHSSINE (Université Clermont Auvergne - France)

Daniel RODRIGUES (Université Clermont Auvergne - France)

Emerson INACIO (Universidade de São Paulo – Brésil)

Fernando BELEZA (University of New Hampshire - Angleterre)

Marinela FREITAS (Universidade do Porto – Portugal)

Comunicação

Os participantes terão 20 minutos para apresentar a comunicação (8 páginas, Times New Roman 12, espaço duplo).

Os trabalhos serão submetidos a um comité de leitura antes da publicação do volume coletivo.

Resumo: Um título e um resumo de 200 palavras (10/15 linhas), em espanhol ou português, acompanhados de 5 palavras-chave e uma breve apresentação biobibliográfica do participante deverão ser enviadas antes do dia **28 de fevereiro de 2020** aos dois organizadores.

Assia Mohssine

Assia.MOHSSINE@uca.fr

Daniel Rodrigues

Daniel.RODRIGUES@uca.fr

Língua de trabalho: espanhol e português (ou francês, a condição de ser acompanhado de uma tradução em português ou espanhol para distribuição).

Formulário de inscrição

^s Judith Butler, *Défaire le genre*, Paris : Editions Amsterdam, 2016.

Nome e título universitário :.....
Instituição :.....
Telefone
E-mail
Título da comunicação.....
5 palavras-chave.....
Resumo (máximo 10/15 linhas):